

O papel da Coordenação Pedagógica para uma Educação mais Humana

Henrique Maffei¹

RESUMO

O presente artigo aponta elementos para a discussão da importância do papel da Coordenação Pedagógica como promotora de uma Educação mais Humana no momento em que se dispõem a problematizar a prática pedagógica. Trata de uma experiência positiva em andamento no Centro Municipal de Atividades Educacionais Aprender (CEMAE Aprender), espaço de educação não-formal e integral em Igrejinha-RS.

Palavras chave: Educação não formal, educação integral, coordenação pedagógica.

O presente artigo é fruto de uma reflexão sobre o papel da Coordenação Pedagógica para contribuir para uma educação mais humana a ser apresentado no Seminário IX Diálogos com Paulo Freire. Este artigo parte de uma experiência em particular feita no Centro Municipal de Atividades Educacionais Aprender – **CEMAE Aprender** em Igrejinha, região metropolitana da capital gaúcha. Como Coordenador Pedagógico pude contribuir para a reflexão da práxis no intuito de problematizar questões e ser um fomentador de transformações no cotidiano daquele Centro que procura ser ao mesmo tempo um espaço de educação não-formal e integral. Parte significativa desta produção textual tem por base o Projeto Político Pedagógico do CEMAE, construído entre a comunidade no ano de 2015 e redigido por este autor.

O CEMAE Aprender

O Centro Municipal de Atividades Educacionais Aprender - **CEMAE Aprender** atende crianças de seis a doze anos no contraturno escolar na cidade de Igrejinha-RS. Mantida pela Prefeitura de Igrejinha através da Secretaria Municipal de Educação, a instituição oferece

¹ Henrique Maffei é pós-graduado em Educação para a Diversidade pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e licenciado pleno em História pela mesma instituição. Atualmente é Coordenador Pedagógico no Centro Municipal de Atividades Educacionais Aprender (CEMAE Aprender) em Igrejinha/RS.

oficinas gratuitas e variadas, escolhidas livremente pelos estudantes, que proporcionam o desenvolvimento afetivo, criativo, musical, manual, saudável e esportivo de alunos das escolas municipais, estaduais e particulares do município. Muitas das crianças atendidas estão em situação de vulnerabilidade social, seja por razões econômicas ou situações de negligência, abandono, ou mesmo violência doméstica e/ou social (drogadição, abuso, etc). Algumas delas, são encaminhadas diretamente pela Rede de Proteção à Criança e ao Adolescente através de vários de seus órgãos: Assistência Social, Conselho Tutelar, CREAS, CRAS e SME.

O CEMAE Aprender é a principal instituição do município que oportuniza educação em tempo integral com vistas a desenvolver a integralidade do sujeito aprendiz. Ao oferecer oficinas no turno inverso da escola, tendo o acolhimento e o cuidado como prioridade de seu atendimento, o Centro oportuniza uma complementaridade ao desenvolvimento educacional de seus estudantes, atendendo pessoas vindas de diversas regiões da cidade, sobretudo as de maior carência social e econômica.

Atualmente, o CEMAE Aprender atende ao redor de 230 crianças de seis a doze anos agrupados em turma de tutoria pela faixa etária ou desenvolvimento escolar. Cada uma tem um/a professor/a tutor/a e no início do ano, seus participantes elegem uma cor que dá nome e identidade para o grupo. Segundo o perfil trabalhado em reunião pedagógica com o grupo de professores/as, *“a tutoria no CEMAE é um projeto com ações que buscam promover a educação emocional do indivíduo através do vínculo entre educador e educando, tendo a escuta e o respeito mútuo como ferramenta maior. Para que isso ocorra, é necessário que seja estabelecida uma relação de confiança pautada na ética, buscando permanentemente, através do diálogo, desenvolver de forma coletiva orientações que visam além da aprendizagem, a autonomia, a autoestima e a resiliência em situações diversas para que o educando possa crescer em sua integralidade humana.”* Desta forma, permite-se dar voz ativa para as crianças, que encontram um canal para socializar angústias, dividir dores, confraternizar emoções e melhorar sua autoestima.

Na tutoria, trabalhamos muito a compreensão de Paulo Freire em que: *“no fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia. (...) Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente.”* (FREIRE, 2011, p. 92). Ao

mesmo tempo em que dedicamos à construção da autonomia dos sujeitos que compõem o CEMAE, somos também sabedores de uma advertência que faz o grande pedagogo pernambucano:

Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos vinte e cinco anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do *ser para si*, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade. (FREIRE, 2011, p. 105)

É no sentido de estimular a decisão e a responsabilidade que duas outras instâncias ocorrem no CEMAE: as assembleias e as patrulhas. As assembleias são realizadas uma vez por mês. Elas são dirigidas por estudantes em conjunto com a Orientadora Educacional, estimulando lideranças, o falar em público, a responsabilidade de conduzir um evento importante, entre outras habilidades. Nelas são apresentadas para todo o CEMAE as atividades realizadas nas oficinas, são decididas por votação questões relevantes como o uso de celulares ou do gênero literário ou livros que devem ser comprados, por exemplo; é feita homenagem aos aniversariantes do mês e é entoado o hino nacional.

Outra atividade que ocorre paralelamente a todas as outras, e que estimulam a participação autônoma dos/das estudantes, são as patrulhas: equipes de livre participação mediante inscrição que servem para desempenharem funções específicas. Atualmente existem as seguintes patrulhas: equipe de apoio (responsável por ajudar os educadores a instalar e organizar os equipamentos de áudio e vídeo), cidadã (responsável por apresentar o CEMAE para os novos alunos ou visitantes e outras atividades que envolvam questões de cidadania), verde (responsável por realizar pequenos cuidados com o espaço tais como limpeza, recolhimento de lixo, canteiros de flores e horta), recreio (responsável por disponibilizar os jogos para as crianças brincarem na hora do intervalo, além de guardá-los e mantê-los em ordem) e a conte até dez (responsável por ajudar na resolução de conflitos além de planejar ações que reduzam ou evitem a violência).

No CEMAE Aprender, são oferecidas oficinas que trabalham diferentes habilidades e conteúdos que buscam ressignificar as culturas populares, dialogando com as experiências dos/das estudantes, apresentando novas possibilidades, estimulando a criticidade, a autonomia e as liberdades, construindo assim a capacidade de resiliência e de indignação crítica. No segundo semestre de 2015 foram ofertadas vinte e oito oficinas distintas. Cada estudante no início do semestre pode escolher cinco oficinas para realizar em cada dia da semana, estimulando suas potencialidades, privilegiando suas particularidades. Ao mesmo tempo, desenvolvendo o indivíduo em sua integralidade, ensinando e aprendendo a conviver com as diferenças e singularidades, superando a dominação de uns pelos outros, desenvolve-se também a coletividade, uma vida mais harmoniosa e ao mesmo tempo consciente da necessidade da transformação social.

Todas essas ações são voltadas à dimensão humana da educação, fundamento de todas as atividades do CEMAE, baseadas nas ideias de Miguel Arroyo:

Quando se entende que a ação pedagógica se insere na lógica da ação humana, quando se personaliza e aceita a centralidade da ação-interação – trocas entre pessoas em ciclos diferenciados -, temos de aceitar o caráter imponderável, diríamos mesmo flexível, na concepção e no estilo da inovação. (...) Trata-se de valorizar a educação e as preocupações de seus mestres, de situá-las em nova órbita, de tratar a educação escolar como **ação entre humanos, para humanizar**. (...). Personalizar a ação educativa, humaniza-la, não implica marginalizar a teoria, o conhecimento, a técnica, a ciência, a razão, mas, sim, vê-los também como humanos, colocando-os a serviço dos humanos. **Sobretudo, humanizar a ação educativa significa entender como, nela, as pessoas intervêm com a totalidade de suas dimensões, inclusive as mais imponderáveis, como o sentimento, a emoção, a memória, a imaginação, os valores e as crenças.** (ARROYO, 2014, p 159-60, grifos nossos)

Com esta compreensão de humanizar a ação educativa, temos sido agraciados com o reconhecimento do trabalho do CEMAE por familiares e estudantes. Temos esse retorno documentado tanto nas frases dos/das estudantes que tratam o Centro como uma “segunda casa” como com os familiares que dizem que seus filhos/filhas melhoraram suas ações ao frequentarem a instituição e que esta tem sido positiva não só às crianças como para eles.

As ações do CEMAE Aprender são baseadas na compreensão da necessidade de **humanizar o ato educativo** a partir do conceito e do desenvolvimento da autonomia e autoestima dos educandos. Através da **participação cidadã**, seja pela escolha das oficinas que cada um deseja participar, seja ativamente participando das decisões coletivas, ou outras situações, pretende-se estimular que cada um perceba-se como agente de transformação e de educação, entendendo o quão diversos somos e, ao mesmo tempo, como cada um pode e deve ter seu papel em nossa sociedade. Na concepção do Centro, é impossível pensar em atendimento de qualidade sem praticar uma cidadania ativa. Como nos coloca Moacir Gadotti:

Uma educação de qualidade é uma educação cidadã, ativa, participativa, formando para e pela cidadania, empoderando pessoas e comunidades. Toda cidadania é, por si mesma, ativa. Nós qualificamos a cidadania de “ativa” para realçar seu caráter participativo e mobilizador. (...) A cidadania torna-se ativa quando o cidadão conquista e exerce seus direitos, abrindo novos espaços de participação política e social, decidindo em comum os destinos do bairro, da cidade, do estado, do país etc. (GADOTTI, 2013, p. 56)

A contribuição da Coordenação Pedagógica

O CEMAE Aprender tem seis anos de atividade, mas antes de funcionar desta forma, atendeu crianças enquanto PRAICI (Programa de Atenção à Criança Igrejinhense) durante outros sete anos. Naquele período, a intencionalidade era outra: apenas criar um espaço para acolher os pequenos enquanto estes não estivessem nas escolas. A transformação em Centro de Atividades Educacionais, já significou uma mudança grande, no momento em que, e como parte desta transformação, criou a função de Coordenador Pedagógico, responsável por pensar, acompanhar e problematizar as ações educativas.

Vale ressaltar que em Igrejinha/RS, diferentemente de outras redes da região, há um acompanhamento sistemático do trabalho docente realizado pela Coordenação Pedagógica que tem, como regra, o atendimento periódico mensal e individual aos/às professores/as. É através desse atendimento que se pode não só acompanhar a trajetória de cada profissional, mas também contribuir ativamente para a formação continuada, socializando dúvidas, problematizando questões, apontando caminhos, construindo alternativas comuns. Este rico

momento de diálogo faz com que a função rompa com seu papel histórico de supervisão e cobrança e passe a contribuir decididamente para a melhora da educação ao buscar a construção de práticas dialogadas, planejadas, humanas e emancipatórias.

Somos sabedores de que a educação brasileira traz marcada em seu seio uma concepção seletiva, excludente, meritocrática, sexista, racista e preconceituosa. Superar esse traço tem sido batalha constante para inúmeros setores do campo educacional. No entanto ela ainda está em curso, sobretudo porque vivemos em uma sociedade baseada na exploração de uns sobre outros. Por isso e para contribuir nessa batalha ainda em curso, vemos como esta postura dialógica e construtiva é significativa.

A emancipação só é possível a partir da formação de amplos consensos em torno de uma concepção de mundo alternativa a que predomina no *status quo* vigente, que se contraponha à concepção hegemônica que reproduz a dominação existente, que se reproduz cotidianamente. E esta nova concepção de mundo deverá ser construída a partir de novos sentidos e significados às relações sociais, para que estas não se reproduzam como relações de poder, de dominação de uns sobre outros. (GOHN, 2014, p. 57)

Tendo por base essa leitura de mundo e da realidade da educação brasileira, temos visto a função de coordenação pedagógica a partir de um eixo norteador de nossas práticas educativas que é a **educação cidadã**, *“a qual no contexto escolar pressupõe a democratização da gestão e do acesso à escola, assim como a democratização do conhecimento. Na educação não formal, essa educação volta-se para a formação de cidadãos(ãs) livres, emancipados, portadores de um leque diversificado de direitos, assim como de deveres para com o(s) outro(s).”* (GOHN, 2014, p.33)

Como Coordenador Pedagógico, tem-se estimulado a percepção da práxis educativa como promotora da educação cidadã, ao problematizar o trabalho cotidiano e mesmo ao pensar um planejamento estratégico que envolve não só o plano diário ou anual do/a professor/a, mas o cotidiano do funcionamento do Centro como um todo. Foi com base nessa concepção que por exemplo criou-se o espaço da tutoria, propôs-se a escolha das oficinas pelas crianças e não através do cumprimento de uma grade escolar.

Com nossas ações, buscamos construir “*uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes.*” (GOHN, 2014, p. 18). Procuramos mostrar ao grupo docente que nosso fazer pedagógico não é apenas um tomar cuidado para que as crianças não estejam nas ruas, mas uma **intenção** de oportunizar um espaço físico e educativo para a cidadania emancipatória.

Este trabalho só é possível graças à caminhada de toda a rede ao compreender a função desta pessoa em cada instituição e também graças à dedicação que cada um que a desempenha tem no exercício de estimular o pensar e a formar cotidianamente. Assim, para que esta engrenagem funcione, pensamos que o trabalho da equipe diretiva e pedagógica, aliado ao de todos/as os/as outros/as servidores/as é fundamental para dinamizar, problematizar e mesmo tornar possível a execução das atividades educativas.

Considerações Finais

As demandas de uma sala de aula (ou de uma oficina) ou mesmo as do cotidiano escolar em outras funções muitas vezes acabam comprometendo o olhar crítico e o pensar estratégico no sentido de medir e repensar o papel de nossas instituições como promotoras de uma emancipação e de uma cidadania ativa. Ter alguém que tenha como função esse papel problematizador e esteja disposto a cumprir este desafio é crucial para que possamos de fato transformar a educação brasileira.

Enquanto educadores do CEMAE, temos conquistado o reconhecimento da comunidade em geral e construído as bases para uma educação cidadã. Por outro lado, somos sabedores que ainda temos conosco marcas da escola tradicional, seja pela formação de nossos profissionais, seja pela imposição mesmo da tradição em seu sentido conservador: continuar fazendo aquilo que se fazia, só por que era feito de determinado jeito. Ainda temos que avançar muito para romper os grilhões que nos ligam a uma educação de tradição para uma cidadã, calcada na autonomia e nas liberdades. Nessa luta constante, o papel da Coordenação Pedagógica é imperioso como elemento instigador de dúvidas, questionamentos e mesmo de repensar cotidianamente nossa práxis.

Acreditamos que temos muito a contribuir para perseguir uma educação capaz de encorajar nossas crianças – atuais e futuras – a alçar voo em suas vidas, rumo a construção de

um mundo e uma cidade mais justa, ecologicamente sustentável e humanamente mais solidária.

Referências Bibliográficas

ARROYO, Miguel. Experiências de inovação educativa: o currículo na prática da escola. IN: MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa (org.). Currículo: políticas e práticas. Campinas, SP: Papirus Editora, 2014. Pp. 131-164.

CEMAE Aprender. Projeto Político e Pedagógico. 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, Moacir. Educação Integral so Brasil. Inovações em processo. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2013.

GHON, Maria da Glória. Educação não formal e o educador social. Atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez Editora, 2014.